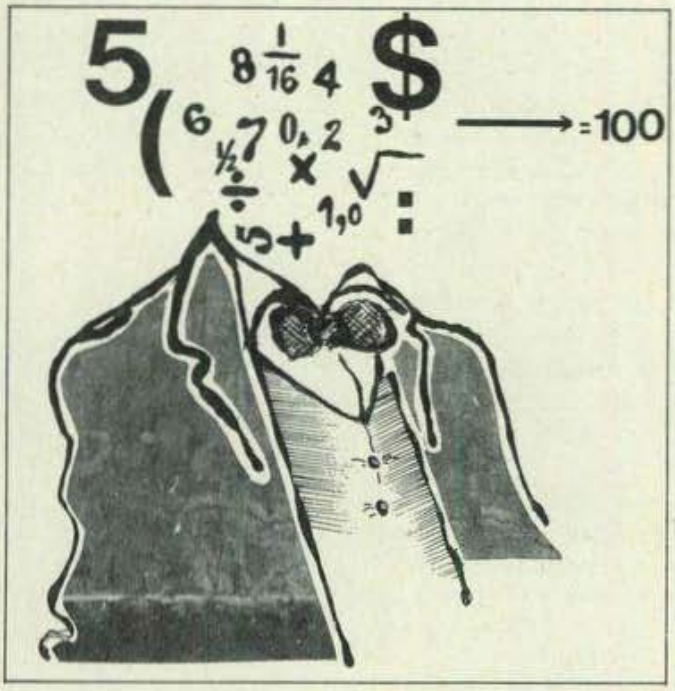
O centenário de Lord Keynes



Este é o mês do centenário de John Maynard Keynes, um dos mais eminentes economistas do século XX.

Como Adam Smith, ele não teve uma formação convencional em economia, mas foi incluído por um de seus críticos mais duros – Joseph Schumpeter – entre os 10 maiores economistas de todos os tempos.

"Seja qual for a sorte da doutrina de Keynes, a memória do homem perdurará: sobreviverá tanto ao keynesianismo como à reação contra ele" – escreveu Schumpeter, em History of Economic Analysis.

*No final de maio, em Londres, outro de seus opositores mais contundentes, Milton Friedman, vencedor do Prêmio Nobel de Economia 1976, também o incluiu entre os maiores economistas de todos os tempos, ao lado de Adam Smith, David Ricardo, John Stuart Mill, William Stanley Jevons e Alfred Marshall. "*Ele está definitivamente colocado no panteon dos grandes economistas" *– disse Friedman.*

Exaltado por seus críticos e venerado por seus seguidores, Keynes, provavelmente empurrado por seu espírito apaixonadamente livre, sempre buscou uma posição de equilíbrio entre os extremos. Como não era homem para servir a grupos de pressão, facções ou partidos, pôde conservar até a morte um espírito flexível, capaz de adaptar seu pensamento às circunstâncias em mutação. Segundo o mesmo Prêmio Nobel, Friedman, esta extraordinária vivacidade intelectual teria levado Lord Keynes, em nossos dias, a uma corajosa revisão de muitas de suas opiniões, nascidas em circunstâncias bastante diferentes do mundo de nosso tempo.

De fato, quando a crise dos anos 30/31 tornou as coisas insuportáveis na Inglaterra, ele defendeu – para horror de seus discípulos – uma certa dose de protecionismo. Mas após uma forte depreciação da libra, medida, aliás, que sempre sustentou, ele retomou a defesa da economia aberta. A cada circunstância corresponde uma determinada ação.

*Crítico impiedoso do marxismo – para Keynes uma doutrina "*tão ilógica e tão estúpida"*, ele achava que, como Deus, o capitalismo escreve certo por linhas tortas:*

"... sabiamente conduzido, o capitalismo será provavelmente capaz de atingir os objetivos econômicos de maneira mais eficaz que qualquer outro regime econômico, embora atualmente possa ser objeto de muitas críticas e objeções."

Por isso sonhava com uma organização social mais eficiente. Algo como um leve toque de piano que não alterasse a harmonia geral do sistema. A intervenção do Estado deve ocorrer em situações muito especiais, mas as pressões também podem tornar-se perigosas. Quando os trabalhadores, através de seus sindicatos, insistem em manter altos salários em situações de reduzida demanda, eles estão claramente pondo em risco seus empregos.

Outra coisa muito diferente era o desemprego crônico, em que a solução do problema está completamente fora da esfera do indivíduo. Nesse caso, o laissez-faire *poderia agravá-lo. Keynes jamais negou o valor da teoria clássica; ela seria realmente válida a longo prazo, mas lembrava com cáustica ironia: a longo prazo estaremos todos mortos.*

Daí a defesa de um leve toque de piano através do Estado. O investimento devia ser administrado em forma adequada e não ficar abandonado ao sabor das opiniões e dos lucros. Keynes tinha à sua frente a realidade

britânica dos anos 30. Um país prostrado pela recessão e o desemprego, juntamente com os Estados Unidos e o resto do mundo ocidental industrializado. Para seus críticos a visão keynesiana não pode ser transplantada a outras latitudes. Escreve Schumpeter: "O keynesianismo prático é uma semente que não pode ser transplantada a um solo estranho: quando isso ocorre, o keynesianismo morre e, antes de morrer, se transforma em veneno."

A experiência dos anos recentes demonstraria a genialidade da crítica de Schumpeter. A política econômica, conduzida pela batuta dos neokeynesianos, não vislumbrou a tempo que a intervenção do Estado, a exemplo de algumas drogas, pode significar mais vida para a economia. Mas também "pode trazer o veneno, a destruição e a morte". Nem mesmo os mais apaixonados seguidores de Keynes ignoram que a atual crise econômica tem suas raízes plantadas no keynesianismo do pós-guerra.

Em outras palavras, no Estado-faz-tudo, no welfare State. Com eles também chegou o desemprego acoplado ao estancamento econômico. Como reagiria Lord Keynes a níveis de inflação de dois dígitos como as registradas no final da década nos Estados Unidos, Grã-Bretanha e outras grandes nações ocidentais? De modo muito diverso a de alguns de seus seguidores – responde Milton Friedman.

Em sua obra mais publicitada, General Theory of Employment, Interest and Money, aparecida em 1936, Keynes mostra como a economia no regime do deixar-fazer também pode ficar à mercê de violentíssimas crises. Sem a criação dos chamados controles centrais, isto é, a faculdade do Estado intervir na economia, se torna difícil e problemático induzir a utilização dos recursos. Basicamente: o Estado deve fazer o que ninguém faz e o que nenhum indivíduo pode fazer. Entre outras coisas: exercer um controle inteligente da moeda e do crédito; adotar taxas de juros suficientemente baixas para estimular a inversão e o pleno emprego; controlar a poupança e o investimento. Segundo Keynes, são coisas por demais importantes para ficarem à mercê da atividade especulativa dos indivíduos. Como ele disse: "Quando o crescimento do capital de um país se torna o subproduto das atividades de um cassino, é provável que a tarefa seja muito mal executada."

Mas, sem dúvida, a grande mensagem da General Theory era de sentido igualitário.

Partindo de um teórico conservador e defensor do capitalismo como Keynes, tal visão logo apaixonaria outros economistas da mesma tendência. Até essa época, havia um "temor escrupuloso" aos efeitos de uma política igualitária sobre a poupança. Essa era a visão de J. S. Mill. A análise de Keynes, no dizer de Schumpeter, parecia restaurar a respeitabilidade intelectual das opiniões contrárias à poupança. Nesse sentido, foi muito explícito no capítulo 24 da General Theory, e "a nova economia do gasto" alcançaria retumbante êxito. A partir de então, o keynesianismo se aferra à idéia de que sem gasto governamental (política fiscal) impossível alcançar um estado econômico de completo equilíbrio e de pleno emprego.

Outro aspecto sedutor do trabalho de Keynes está no ponto de contato de sua análise com a análise marxista. Mas fundamentalmente são análises contrapostas. De qualquer maneira, assim como a obra principal de Marx, a General Theory surgiu em época excepcional. Em meio à depressão e à maré montante do radicalismo, quando o túnel parecia não ter fim. Nem por isso ele deixaria de alcançar a majestade de um David Ricardo, como escreve Joseph A. Schumpeter:

"Keynes está colocado na altura de Ricardo no sentido mais elogioso da expressão. Mas também no sentido de que sua obra é um destacado exemplo do que antes chamaríamos 'vício ricardiano'. Ou seja, no sentido de amontoar um bom carregamento de conclusões práticas sobre alicerces débeis e inadequados, embora atraentes e até convincentes em sua aparente simplicidade."

Embora o "vício ricardiano" seja moeda corrente em nossos dias – e no Brasil ainda hoje praticado em sua forma mais rude – o impacto da obra de Keynes foi muito mais amplo que as "leis psicológicas" que estabeleceu; as funções de consumo, a função de inversão e a função de preferência pela liquidez.

Ou sua tentativa de provar a existência de equilíbrios com subemprego; sua crença de que a poupança (o tipo de juros) é o vilão e o fator que empobrece a nação.

Mas o êxito literário de Keynes foi enorme. Suas imagens eram sedutoras. Ele lembrou que sendo a meta da vida colher as folhas mais altas dos galhos, a maneira mais provável de atingir este fim seria deixar as girafas de pescoço mais comprido matar à míngua aquelas cujos pescoços são mais curtos.

Era isso precisamente que permitia o laissez-faire: que as girafas nanicas fossem devoradas pela seleção natural darwiniana.

O centenário de Lord Keynes

Além disso, Keynes tinha o crédito de haver produzido uma análise magistral sobre as conseqüências da paz que a coalizão européia impôs à Alemanha: The Economic Consequences of Peace, escrita em 1919.

Nessa ocasião, escreveu em forma profética que a política dos aliados em relação ao grande derrotado na I Guerra Mundial "reduziria à servidão uma geração inteira, aviltando a existência de milhões de seres humanos, seria odiosa e abominável, além de constituir um perigo para a vida da Europa". A ascensão do nazismo, de Adolph Hitler, e a morte de milhões de seres humanos mostraria, embora tardiamente, a genialidade da visão política de Keynes.

Portanto, o papel do autor de The Economic Consequences of Peace transcende amplamente a visão que geralmente se tem de Lord Keynes. Ou seja, um pesquisador da análise econômica. Ele foi, antes de tudo, um competente conselheiro de seu país e um homem que, segundo Schumpeter, teria "alcançado um lugar na História sem que tivesse precisado escrever nunca uma linha de análise econômica".

Talvez aí esteja a força interior do keynesianismo, que se espraiou pelo mundo, apesar de toda a veemência da crítica. Com ele, a tecnocracia ganha um formidável instrumental teórico que iria justificar sua posição de força num instante terrivelmente conturbado da História da humanidade. Em 1929, o crack da Bolsa de Nova Iorque lança a economia mundial em sua pior crise.

Em 1932, quase 1/3 da mão-de-obra ocidental estava desempregada. Apesar do vaticínio otimista do presidente Herbert Hoover ("A prosperidade está ao alcance de nossa mão"), a crise não cessa, e o ciclo de prosperidade desenhado pelos economistas clássicos não aparece na linha do horizonte.

Em toda a Europa, martirizada pela guerra, os marxistas apostam na revolução mundial. Os editoriais de L'Humanité lembram, em Paris, que finalmente os exércitos de reserva (os desempregados) que iriam destruir o sistema capitalista "estão em marcha". Seus colegas alemães também apostam nisso e sacodem as ruínas da velha república de Weimar.

Em lugar da revolução marxista explode, na Alemanha, o nacional-socialismo. Por coincidência é seu führer um homem que também acredita nos controles do estado. Nos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt oferece aos eleitores o New Deal, que traz em seu bojo um leve toque de piano e a sugestão de baixar salários, preços e taxas de juros, o que iria ocorrer, à exceção dos salários mantidos pela força dos sindicatos. A fórmula é keynesiana: estimular os investimentos através dos gastos públicos.

A recuperação da economia norte-americana empurra a recuperação mundial. Roosevelt se reelege várias vezes. Quase no final da guerra, Keynes, que já em 1937 sofrera grave infarto, representa o Reino Unido em Bretton Woods. Novamente tem aí um papel protagônico e pede que a estabilidade econômica seja regulada por um organismo internacional.

Dois anos depois nasce o Fundo Monetário, mas John Maynard Keynes já havia sido forçado a abandonar o ring da economia fulminado por outro infarto no dia 21.4.46.

Ao contrário da grande maioria dos analistas econômicos que justificam o ditado "casa de ferreiro, espeto de pau", Lord Keynes era um milionário ao morrer. Fez uma fortuna na Bolsa, e se jactava de que seu primeiro gesto ao amanhecer era acompanhar as cotações dos papéis. Graças a isso acumulou fortuna e possuía uma grande coleção de quadros que iam de Cézanne a Derain e Picasso.

Foi também um grande amante do teatro e um protetor de talentos.

Não falta quem atribua à experiência de Keynes o fato da humanidade haver transitado em forma surpreendentemente tranqüila para um pós-guerra sem maiores rancores. As conseqüências do Tratado de Paz com a Alemanha, na I Guerra, analisadas por Keynes em forma corajosa, quando até os mais corajosos silenciavam, inspiraram, sem dúvida, a paz com alemães e japoneses.

Keynes é também um fervoroso defensor do livre comércio, após seu efêmero encontro com o protecionismo britânico, em 1931. O livre comércio é outra ferramenta que vai empurrar a prosperidade geral no pós-guerra. Quando os tanques de Stalin ameaçam romper as barreiras alemãs em direção à Europa ocidental, a prosperidade econômica induz milhões de trabalhadores europeus a dizer não ao projeto marxista. Afinal, graças à prosperidade eles haviam alcançado níveis de bem-estar incomparavelmente superiores aos da União Soviética. O Estado socialista já não era a síntese, mas a antítese de suas aspirações.

Essa também foi uma contribuição de Keynes.

◆

Ib Teixeira